

APRESENTAÇÃO

“A experiência de modernização é uma experiência de aceleração”. A partir desta assertiva, o sociólogo alemão Hartmut Rosa reflete sobre as experiências temporais na fluidez do mundo contemporâneo. Parece que tudo está acelerado demais, ou os acontecimentos se desdobram de forma simultânea.¹ Para onde estamos sendo conduzidos com tamanha velocidade? Estamos conscientes do percurso, o escolhemos? Ou ainda, seria possível frear essa aceleração do tempo?

Pois no alvorecer do ano de 2020 a humanidade foi surpreendida por duas fortes ameaças que trouxeram a possibilidade da paralisia: o temor de uma guerra de maiores proporções, após o ataque norte-americano no Oriente Médio que resultou na morte do importante general iraniano Qassem Soleimani; e o alerta para o enfrentamento de uma pandemia, depois que o novo corona vírus começou a se espalhar pelo mundo a partir da China. A primeira ameaça não se concretizou (ainda), apesar das promessas iranianas de revanche e das retaliações econômicas e políticas prontamente impostas pelos Estados Unidos ao país atacado. Já a pandemia denominada de Covid-19 tornou-se uma realidade assoladora em poucos meses, inclusive promovendo no Brasil mais crise econômica e política.

Se a pandemia nos trouxe a sensação de que o tempo parou, ou ao menos freou nosso ritmo, testemunhamos que a História não para. A pandemia ocasiona eminentes fatos, que se registram diariamente em imagens, dados estatísticos, depoimentos da população, ações e declarações de governantes e líderes de entidades que lidam diretamente com a situação da pandemia e das crises... Asseveramos que estamos vivenciando um dos acontecimentos mais importantes e catastróficos deste século XXI. Talvez, seu primeiro evento literalmente global. Como são tempos de comunicação de massa e reações rápidas via redes sociais na *internet*, *postagens* e *memes* aludem à História. “Vai dar muito trabalho explicar tudo isso no futuro”, preocupam-se uns; “cansa presenciar tantos fatos históricos”, ironizam e/ou desabafam outros.

Neste contexto, apresentamos esta Edição da Revista Discente Outras Fronteiras enaltecendo a importância da História como ciência e disciplina acadêmica. É um momento

¹ ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 44 et seq.

oportuno, já que a História tem sido lembrada popularmente como aquela à quem cabe colher todos estes registros dos acontecimentos históricos que estamos vivendo para interpretar, apresentar, explicar à nós mesmos no futuro (aos que sobreviverem à pandemia e à tudo isso, infelizmente!) e às sociedades vindouras.

Porém, se esta é uma menção positiva e um reconhecimento da História e do trabalho do historiador, não é somente assim que estamos sendo lembrados. Lamentavelmente, manipulações e negacionismos de fatos históricos vêm crescendo na mesma proporção que o radicalismo e o autoritarismo político em vários países, incluindo o Brasil. Por aqui, o veto presidencial ao projeto de lei que regulamenta a profissão de historiador (depois de um longo período de construção e tramitação da lei no Congresso Nacional) no final do mês de abril, pode ser compreendido pela faceta autoritária do atual Presidente da República e suas claras e declaradas intenções de manipular a História.

Não é pequena a lista de negacionismos de fatos históricos do presidente e diversos membros do atual governo, além de ações, menções, opiniões que deturpam ou buscam manipular interpretações de notícias e eventos históricos e atuais. Não podemos deixar de mencionar a negação da própria pandemia da Covid-19 e a relativização do perigo do novo vírus, que escandalizou grande parte da população brasileira e virou notícia em todo o mundo. Inexorável e lamentavelmente, estamos vivenciando com tudo isso um abandono da Ciência, de um modo geral, e um desprestígio do papel e da palavra dos intelectuais e cientistas.

Foi neste contexto excepcional que uma nova equipe editorial assumiu os trabalhos da Revista Outras Fronteiras para o biênio 2019-2021. Esta equipe é formada por discentes pesquisadores de temáticas diversas do mestrado e doutorado do PPGHis/UFMT. Com o propósito de finalizar a edição 2019/2, assumimos o andamento dos trabalhos do corpo editorial anterior e oferecemos essa edição com temática livre. Assim, a Outras Fronteiras traz a público artigos variados que abordam reflexões de diferentes pontos de vistas, a partir do fazer do historiador, do filósofo, do artista, do cientista social e político, do educador.

Iniciamos esta edição com um debate filosófico de Renato Cesar Cani, em *Newton e a causa da gravidade: realismo e antirrealismo*. O autor discute as perspectivas do realismo científico e do antirrealismo acerca das descobertas do físico Isaac Newton, demonstrando como a leitura antirrealista não se sustenta de acordo com os pressupostos

newtonianos. Um artigo que debate os princípios da gestação e dos fundamentos da Ciência moderna, que está sob ataques e descrédito hoje depois do longo período percorrido.

Em seguida, Marina Jerusalinsky também nos traz uma discussão bastante pertinente para a atual conjuntura em *Profissão de artista: relações entre a arte e o trabalho no Neoliberalismo e o artista visual como trabalhador*. O artigo discute as noções de “arte” e “trabalho”, apontando as tensões do “fazer do artista” diante da noção neoliberal de produtividade e empreendedorismo. Tensões que perpassam todo o século XX e tornam-se ainda mais explícitas nos dias de hoje, em que são engendradas novas relações de trabalho que alienam o trabalhador de forma cada vez mais massiva.

Já no artigo *A educação ambiental e as plantas medicinais do Parque Estadual Zé Bolo Flô em Cuiabá-MT: uma proposta pedagógica*, Giseli Dalla Nora e Roselaine Piper abordam a importância do Parque Estadual Zé Bolo Flô para a educação ambiental e para sua utilização na área da saúde, já que este preserva uma flora riquíssima em plantas medicinais nativas da região.

Dentre os artigos temos, por fim, a contribuição da historiadora Luciene Castravechi com *A (re)ocupação da Amazônia e a dilaceração da dignidade humana: o uso do trabalho análogo ao de escravo nos empreendimentos rurais durante a década de 1970*. A autora discute os empreendimentos colonizatórios que avançaram sobre a região do Araguaia mato-grossense na década de 1970 com o apoio dos governos da Ditadura Militar, caracterizados pela exploração da mão de obra dos chamados peões. Estes eram migrantes pobres, que trabalharam no desbravamento da floresta de forma exaustiva, sem direitos trabalhistas e garantias de mínimas condições humanas de sobrevivência.

Trazemos a público duas resenhas. Fernando Tadeu Germinatti em *Uma compreensão histórica do Estado por meio dos autores clássicos da Literatura Política: Platão, Aristóteles, Maquiavel e os Contratualistas*, analisa uma obra sobre os filósofos que contribuíram para a gestação da teoria política e do Estado moderno. Já o professor Thiago Costa apresenta uma descrição do seu livro em *Nos jardins de Napoleão: a América de Humboldt e dos viajantes*. Trata-se da resenha de um livro que veio a público no aniversário de 200 anos do cientista alemão (em 2019) que, da Europa, legou ao Brasil uma grande obra de caráter científico-naturalista.

Uma transcrição de documento manuscrito completa esta publicação. As mestrandas da área de Linguística Camila Viais Leite e Thaisa Maria Gazziero Tomazi nos

trazem um documento por elas transcrito em *Desordens no Mato Grosso colonial: transcrição comentada de um manuscrito de 1798*. Além das curiosidades que este manuscrito possui das fronteiras mato-grossenses do final do século XVIII, é interessante atentar-se para as regras de transcrição paleográfica que as autoras explicam.

Em meio a este cenário de tantas incertezas, as editoras desta edição acalentam uma esperança: a de que o passado histórico mais do nunca oferece respostas para a compreensão do conturbado presente e pode delinear caminhos para um futuro melhor. A ocasião nos ensina mais uma vez que a História não para, não tem fim. Talvez este evento catastrófico da pandemia seja mais uma oportunidade de aprender pela experiência, para aqueles que insistem em relativizar ou ignorar, alguns literalmente negar, as tantas tragédias descritas nos livros de História.

Francieli Marinato e Viviane Gonçalves

Cuiabá-MT, maio de 2020,

em meio à pandemia da Covid-19.